

REUNIÕES EM BRASÍLIA

# Presidente procura assumir a iniciativa na área econômica

por Walter Marques  
de Brasília

O presidente José Sarney começa efetivamente a assumir a direção da equipe econômica de seu governo. Os últimos dias foram pródigos de iniciativas nesse sentido. No sábado o presidente reuniu na Granja do Torto os principais expoentes do monetarismo, do pragmatismo e do nekeynesianismo, que vocalizam as posições divergentes das correntes do pensamento econômico balizadoras do debate sobre os rumos a serem seguidos pela Nova República. Foram convidados os economistas Luís Paulo Rosenberg, Ibrahim Eris, João Manuel Cardoso de Mello, Luís Gonzaga Beluzzo e o ex-ministro Mário Henrique Simonsen.

Na quarta e na quinta-feira passadas, o presidente José Sarney reuniu no Palácio do Planalto os ministros da área econômica para unificar a linguagem do governo e decidiu fortalecer os ministros, dando-lhes poderes para punir os dirigentes das empresas estatais que desrespeitam os limites dos investimentos e dos dispêndios fixados pelo orçamento da Secretaria Especial de Controle das Empresas Estatais.

Na última terça-feira, inaugurando um estilo inédito na Presidência da República, José Sarney despachou no Ministério da Agricultura, uma pasta que, apesar de ter recebido Cr\$ 8 trilhões para a comercialização da safra agrícola, se defronta com as pressões de sojicultores en-



José Sarney

dividados que clamam por mais recursos das linhas oficiais do crédito agrícola.

A ação do presidente da República, na visão de uma fonte categorizada do Ministério, vem procurando recuperar na área econômica a defasagem em que ficou o governo em relação às iniciativas políticas consumadas, por exemplo, no restabelecimento das eleições de prefeitos das capitais, na inclusão do princípio da eleição direta para presidente na Constituição, na recomposição do poder de compra dos trabalhadores com o reajuste do salário mínimo acima do INPC e no reajuste dos vencimentos dos funcionários públicos da União.

Todos esses fatos demonstram que a Aliança Democrática, em especial o PMDB, se manteve fiel aos compromissos políticos assumidos durante a campanha pela eleição de Tancredo Neves e que foram, nos últimos vinte anos, os

pontos de honra das oposições na crítica à ordem política e institucional instalada pelos governos autoritários.

Entre esses compromissos políticos incluía-se a reforma agrária, cujo lançamento, decidido sem um entendimento prévio com as forças que integram a Aliança Democrática, também exemplifica o estado de descontrole em que o governo foi lançado com a morte de Tancredo Neves.

O domínio sobre a ação do governo no seu conjunto passa, obviamente, pelas opções da política econômica. Decorridos poucos dias do falecimento de Tancredo Neves, o presidente José Sarney, antevedendo as dificuldades cuja solução dependem da sua decisão, procurou se inteirar-se das questões econômicas, estabelecendo um diálogo com o ministro do Planejamento. Mas o governo de coalizão da Aliança Democrática abriga também posturas que nem sempre coincidem com as do ministro do Planejamento e têm representantes em postos decisivos na área financeira da equipe ministerial.

Com "ouvidos para ouvir", o presidente José Sarney persegue agora a definição da sua própria posi-

ção em relação aos objetivos da política econômica do governo e, o que representa a maior dificuldade, a escolha dos instrumentos do combate à inflação, da contenção do déficit público, da retomada do crescimento econômico, da redução da taxa de juros e da renegociação da dívida externa em termos que permitam preservar os compromissos que levaram a Aliança Democrática ao poder.

Há no Ministério quem pense que o debate sobre os rumos da política econômica deveria ter começado dentro do próprio governo, quando as divergências entre ministros vêm a público sem serem previamente combinadas. E o que observa um dos integrantes da equipe ministerial, salientando que não seria sensato esperar que o ministro do Trabalho, num regime democrático, defendesse os interesses das empresas e que o ministro da Indústria e do Comércio saísse em defesa dos trabalhadores.

A morte de Tancredo Neves deixou o governo órfão de política econômica. Sarney agora convoca os expoentes do pensamento econômico nacional porque está numa corrida contra o tempo, formulando a sua própria estratégia.